

Constatação elementar

MEENDES RIBEIRO

"Profetizar é mais do que predirer: é predirer a verdade, partindo de um conhecimento superior"

(Pasteur)

Diferença entre esquerda e direita? Enquanto a primeira trabalha, a segunda festeja.

Minoritária, uma se arregimenta. Majoritária, outra se descuida.

Sem nada a perder, os radicais de um lado são persistentes. Objectivos. Amarram planos a longo prazo. Os opostos, aparentemente com o controle de tudo, dormem em pretensiosa onipotência. Desunidos, são frágeis. Desorganizados, impotentes. Acabam perecendo por, aturdidos, debandarem em suposta resistência que, fragmentada, é inútil.

A Carta em elaboração seria, não fosse a reacção tímida e mal-estruturada de alguns poucos de bom senso, centrados, sem estrelatos, obra perfeita de longa, bem pensada e melhor posta maquinação.

Todas as subcomissões, com excepção de algumas cujo plenário garantiria a teórica desvantagem, tiveram relatores previamente marcados. De esquerda. Radicais. Outro não foi o princípio das oito comissões temáticas. Os partidos, postos de lado, foram meros instrumentos. Manobrados com extrema capacidade para que a meta d'úzia ativista, jogando e ganhando no descaso e na acomodação na dita maioria silenciosa que eu diria omíssa, costurasse ao seu bel-prazer e servisse o prato estatizado à Nação.

O Regimento Interno foi maquinado assim. Nem mesmo os alertas desesperadamente feitos sacudiram o marasma.

Uma exigência — maioria absoluta — entrou por teimosia pessoal. Texto meu, arcando com a advertência do presidente da Constituinte que, de público, me responsabilizava por inviabilizar a votação da grande lei. Bendita a hora na qual assumi o risco. Se assim não fosse, os radicais, que não faltam, fariam tudo. Brasília se esvazia, não importando se tempo ou não de decisão. Quem sai, invariavelmente, pertence aos chamados moderados.

Os relatórios das subcomissões, em que a reacção não chegou a tempo, mostraram o fruto da longa urdidura. E, pasmem, minoria em tudo, a esquerda radical faz o milagre de condicionar a votação da Carta às suas exigências, mandando às favas o desejo da maioria que, por inércia, acaba na condição de pedinte, quando tem todo o direito de impor sua vontade.

Os grupos formados, enquanto Cabral buscava consenso, confirmaram o quadro que pintou. Minorias — cada vez mais caracterizadas — impunham limites. Maiorias, perus em círculos de gliz, aceitavam os "acordos" nos quais um só lado cedia. Não é preciso ser gênio para saber quem perdeu ou ganhou.

A pretendida colocação do Regimento da Constituinte abaixo do Regimento da Sistematização é nova e esperada manobra. No atropelo, vence quem antes se organizou. Falam as vozes adredemente escolhidas. Desde o princípio dos trabalhos, entoam a mesma canção. Quem achar carregado o ractocínio, detre de lado a Constituinte e examine a Comissão designada para apurar o escândalo denunciado por O Estado de S. Paulo. É só esquerda. A escolha, por certo, partiu do mesmo grupo que se adonou do PMDB, sabendo da dificuldade de organização da maioria.

Resta a esperança do despertar em tempo. A última cartada é o Plenário. Um nada de esforço já surtiu efeitos, acima dos merecidos ante tanta falta de atenção. Agora, os de bom senso estão definitivamente advertidos: Há indícios de aglutinação e trabalho.

Creto no final em que predomine a razão. Radicais de um lado e de outro à margem. O Brasil feliz, no meio termo por todos desejado. Porém, é imprescindível trabalhar duro pelo menos 90 dias. Agora, se nem isso for possível, não há como ligar para as questões futuras. O castigo será bem posto e melhor merecido.

Mendes Ribeiro é deputado federal do PMDB do Rio Grande do Sul.

ESTADO DE SÃO PAULO
6 OUT 1987